

OP

OPATÍO

ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA | DIRETORA: Dina Trigo de Mira | Maputo - Moçambique



edição

100

Historiador e escritor

João Paulo Borges Coelho



“A história é um campo de debate permanente”

Palavras do mundo em português



Comunicação na escola desafia engenho e imaginação

MABUKO YA HINA OS NOSSOS LIVROS

«... mais bibliotecas, mais maletas, mais leitura,
mais leitores e mais escritores em Moçambique.»

«... é um projecto
muito importante
e desperta o interesse
das crianças.»

Professora Maria Cossa
Docente Convidada Anfitriã para Professor
Pílana Carico - Maputo

Visão

O projeto "Mabuko Ya Hina" visa a criação de bibliotecas escolares e a atribuição de maletas de leitura a escolas públicas e comunitárias do sistema de ensino de Moçambique.

Trata-se de uma iniciativa da Rede de Bibliotecas Escolares, apoiada pela Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, que integra, presentemente, 21 escolas do distrito de Maputo, uma escola do distrito de Inharrime e 10 escolas do distrito do Chibuto.

"Mabuko Ya Hina" é um projeto de incentivo à leitura que pretende despertar nas crianças o gosto pelo livro, proporcionando a formação de verdadeiros leitores.

Áreas de Intervenção



Atividades com as maletas de leitura.



Parcerias entre as escolas que integram o projeto "Mabuko Ya Hina".



Articulação com as direções das escolas, docentes e técnicos bibliotecários.



Visitas às escolas que integram o projeto "Mabuko Ya Hina".



Dinamização de atividades de incentivo à leitura, à escrita e às expressões artísticas.



Articulação com grupos culturais, famílias e associações parceiras.



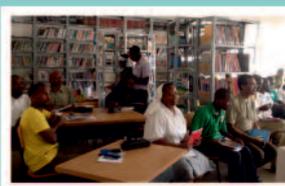
Parcerias com alunos e docentes da EPM - CELP.



Trabalho nas bibliotecas escolares.



Parceria com a Biblioteca Escolar José Craveirinha.



Formação nas áreas da gestão e dinamização das bibliotecas escolares/maletas de leitura.

Atividades retratadas na Exposição do Dia da Língua Portuguesa

- «Mabuko» nas atividades da Semana da Leitura
- «Mabuko» nas comemorações do 40.º aniversário da Independência de Moçambique
- «Mabuko» nas comemorações do Dia Internacional da Criança
- «Mabuko» na Feira do Livro da Cidade de Maputo
- Comemoração do Dia de África
- Comemoração do Mês da Literacia
- Realização do Festival anual "Escolas Com Livros"
- Workshop de Escrita Criativa



- 2** EDITORIAL | A força do contexto nas escolhas do currículo
- 3** O PÁTIO | 100 edições de 2003 a 2016
- 4** ENTREVISTA | “Justiça, verdade e humanidade são princípios mais elevados que o patriotismo”
- 8** COOPERAÇÃO | EPM-CELP e MINEDH unidos na promoção do livro e da leitura
- 9** PUBLICAÇÕES | Sonhos de Eneas Comiche traduzidos em livro pela EPM
- 10** EDUCAÇÃO INCLUSIVA | Reflexão e partilha de ideias respondem às necessidades educativas especiais
- 12** ENTREVISTA | Falar a língua musical é comunicar emoções humanas
- 14** EDUCAÇÃO FÍSICA | Desafios de um paradigma integrado de diferenciação e colaboração pedagógicas
- 16** COMUNICAÇÃO | Desenhar rotas de comunicação desafia engenho e imaginação
- 18** VOLUNTARIADO | Voluntariado reforça cidadania
- 20** PSICOLOGANDO | “Mãe desnecessária”
- 21** CIÊNCIA | Bichos assaltaram laboratório
- 22** ATIVIDADES | “Física do dia-à-dia” abriu portas à comunidade escolar de Maputo. Elos fortaleceram semana da leitura



4 | “Justiça, verdade e humanidade são os princípios mais elevados que o patriotismo”

Escritor e académico João Paulo Borges Coelho considera a História um campo de permanente debate e construção.

8 | EPM-CELP e MINEDH unidos na promoção da leitura

EPM-CELP e o Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) de Moçambique aprovaram plano comum de atividades.

9 | “Sonhos” de Eneas Comiche traduzidos em livro pela EPM-CELP

A EPM-CELP publicou a terceira obra da coleção “Histórias que tecem a História”, visando contribuir para a reconstituição da história recente de Moçambique.



10 | Reflexão e partilha de ideias fortalecem Educação Especial

Um convite à aceitação da diferença e desafio de luta contra o estereótipo social.

14 | Desafios do paradigma de diferenciação pedagógica

Trabalhar sozinho ou em colaboração?

EDITORIAL

Estamos conscientes de que toda esta reflexão se deve traduzir num projeto educativo sólido e alicerçado num contexto próprio, mas nunca descurando as ligações entre este, a comunidade onde nos inserimos e o mundo global em que vivemos.

A força do contexto nas escolhas do currículo

Vivemos, atualmente, submersos num manancial de informação proveniente de diversas e dispersas fontes, o que nos coloca, enquanto instituição educativa, perante escolhas fundamentais, quer no âmbito das aprendizagens quer das matérias, que constituem o nosso currículo.

A primeira tónica a ter em conta na educação, num mundo globalizado em que a economia parece ser a referência primeira, é o facto de qualquer conhecimento existir ligado a um determinado contexto. Se não conhecermos as *pautas* e as *chaves* que nos elucidem sobre determinado contexto, não estamos munidos de meios para entender e agir sobre essa mesma realidade. Neste sentido, o historiador João Paulo Borges Coelho defende que a História, que tem sido vetada pelos poderes políticos a um lugar de elemento supérfluo da formação, deve recuperar a sua posição de elemento preponderante da mesma, indispensável ao exercício da cidadania responsável e crítica. O passado deve servir para aprendermos a questionar, a partir de vários pontos de vista, para podermos projetar, dentro da imprevisibilidade do futuro, os possíveis cenários onde devemos e podemos intervir. É fundamental que os nos-

sos alunos percebam que as suas verdades têm limites e que uma visão não se pode sobrepor automaticamente a outra, sob risco de cairmos em autoritarismos e nacionalismos xenófobos.

A segunda tónica diz respeito à Língua, não apenas como um instrumento político, mas também como um instrumento para sentirmos e expressarmos a realidade nas suas múltiplas vertentes, tanto objetiva como subjetiva, sendo a literatura e as outras artes, parte dessa realidade subterrânea, misteriosa e mística que integra a espiritualidade e a humanidade. Neste sentido, a transmissão de valores de justiça, de verdade e de humanidade devem estar presentes na nossa prática quotidiana. Mais ainda, o exercício da cidadania só é possível se houver um domínio da língua e da linguagem que seja fator de inserção e de intervenção nos vários campos da realidade.

A terceira tónica é a da inclusão, um valor que deve estar sempre presente, sendo a diferença um fator de enriquecimento de qualquer instituição e sociedade. A educação inclusiva é uma oportunidade única de pôr em relevo o contributo de todos, indo ao encontro das necessidades educativas específicas de cada um.

Finalmente, estamos conscientes de que toda esta reflexão se deve traduzir num projeto educativo sólido e alicerçado num contexto próprio, mas nunca descurando as ligações entre este, a comunidade onde nos inserimos e o mundo global em que vivemos.

DIREÇÃO

O PÁTIO | Revista bimestral da EPM-CELP | Ano XIII - N.º 100 | Edição março e abril de 2016

Diretora Dina Trigo de Mira | **Editor Geral** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Patrícia Aguiar | **Editores** Ana Albasini (Cooperação), Alexandra Melo (Psicologando) e Nuno Antunes (Educação Física) | **Editor Gráfico** Oficina Didática | **Colaboradores redatoriais nesta edição** Graça Pinto, Teresa Noronha, João Paulo Videira, Odete Sol, Maria Manuel Seno, José Tomé, Ana Isabel Carvalho, Victor Albasini, Luísa Antunes, Helena Correia | **Grafismo e Pré-Impressão** António Faria Lopes e Fulgêncio Samo | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Graça Pinto | **Impressão e Produção** Centro de Recursos Educativos | **Distribuição** Fulgêncio Samo (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.º do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: patiodaslaranjeiras@epmcelp.edu.mz

2003

100 edições

2016

Edição n.º 1

Edição n.º 100



Edição n.º 10 - maio 2004



Edição n.º 20 - março 2005



Edição n.º 30 - janeiro 2006



Edição n.º 40 - novembro 2006



Edição n.º 50 - outubro 2007



Edição n.º 60 - novembro 2008



Edição n.º 70 - junho 2010

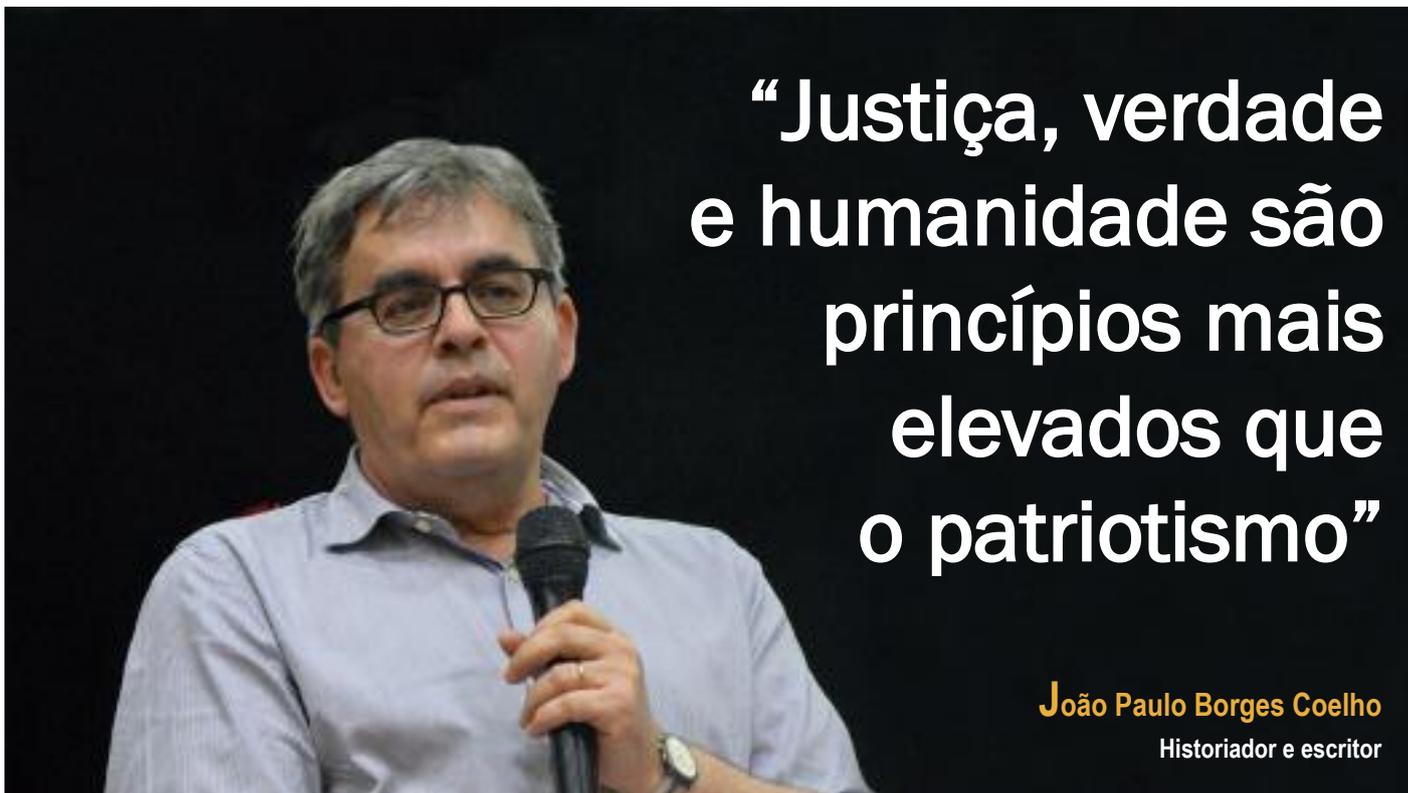


Edição n.º 80 - abril 2012



Edição n.º 90 - abril 2014





“Justiça, verdade e humanidade são princípios mais elevados que o patriotismo”

João Paulo Borges Coelho
Historiador e escritor

Considera a história um campo de permanente debate e rejeita qualquer absolutismo na afirmação do nível nacional do ensino da História, lembrando a supremacia de valores universais como a justiça, a verdade e a humanidade sobre o patriotismo. João Paulo Borges Coelho fala, também, da estagnação do desenvolvimento do ensino da história de Moçambique e, de forma muito clarividente, insurge-se contra as tentativas de beatificação da língua portuguesa, rejeitando liminar e energicamente o acordo ortográfico. Na sua atividade literária, “Água” é o título da novela que está no prelo. Quanto ao futuro de Moçambique, diz que é “imprevisível e sombrio”.

Entrevista conduzida por FULGÊNCIO SAMO

Pode afirmar-se que Moçambique e Portugal partilham uma história comum? Quais os seus pontos de encontro?

Sem dúvida. Mas é uma história marcada sobretudo por dinâmicas profundamente negativas de violência, dominação e subalternização. Não nos devemos iludir: as marcas maiores do encontro histórico foram a escravatura e o colonialismo. Cabe-nos agora a todos ir transformando os sinais desse encontro em algo mais positivo, e felizmente que alguma coisa tem sido feita nesse sentido.

O registo da história de Moçambique já se encontra consolidado ou ainda está em fase de identificação, processamento e interpretação de dados para posterior registo mais consistente?

Apesar de ser muito recente, a História de Moçambique já conta com um corpus importante tanto para a história pré-colonial como para a história colonial, constituído sobretudo nos anos que se seguiram à independência. Apesar de tudo, muito está

ainda por fazer, e diria mesmo que nos últimos tempos temos perdido algum fulgor. Há trabalho importantíssimo a fazer no que toca à organização e disponibilização de fontes de arquivo a historiadores e cidadãos, um processo infelizmente muito atrasado, para não dizer estagnado. Há trabalho empírico de recolha de fontes orais que não tem recebido a atenção que merece, etc. Além disso, é preciso ter em conta um aspecto importante: a história não é aquilo em que o senso comum frequentemente incorre, a identificação de uma “versão verdadeira” do passado. Pelo contrário, a história é um campo de debate permanente e, nesse sentido, ela está sempre em construção.

Em termos concetuais, qual acha que deve ser a predominância ou lugar da História num modelo de ensino em ambiente multicultural, tal como é o praticado na EPM-CELP e noutras escolas internacionais?

Não conheço suficientemente o modelo de ensino da EPM-CELP para me poder pronunciar. Em termos gerais, acho que a História tem de ser forçosamente um elemento preponderante na formação em

qualquer contexto (infelizmente contra a tendência que parece prevalecer hoje cada vez mais, de que as ciências sociais e humanidades são descartáveis). No caso das escolas internacionais em Moçambique, acho importante que a história local seja debatida porque ajuda à inserção dos estudantes no meio em que vivem. Isso aplica-se em particular à EPM-CELP, não só por contar com um número muito significativo de estudantes moçambicanos no seu corpo discente, mas, também, como referimos, devido à tal história comum aos dois países. Por outro lado, acredito que o nível nacional, embora importante, não constitui o limite do exercício historiográfico. No tal ambiente multicultural (o conceito é seu), é importante que os alunos percebam os limites das “suas” verdades, que elas não se impõem automaticamente sobre as dos outros. Por mais importante, o nível nacional não é absoluto no que toca à História. A justiça, a verdade, a humanidade, enfim a objectividade, são princípios mais elevados que o patriotismo. É nos níveis primário e secundário que o cultivo destes valores faz a diferença.

»»»»»

»»»»

A abordagem à História e Geografia de Moçambique na EPM-CELP nasce da percepção e da necessidade da escola contextualizar e adaptar os seus planos de estudo à realidade local. Porque é importante a contextualização e a adaptação curriculares nas aprendizagens dos alunos?

Aponte na questão anterior o que me parece mais importante a este respeito. O facto de haver na EPM-CELP um grande número de alunos moçambicanos, e sobretudo o princípio de facilitar a inserção da população estudantil no meio social onde vive. Não faz sentido que um aluno emigrante passe tantos anos em Moçambique, quem sabe a vida toda, sem ter um relativo domínio do tempo e do espaço neste país.

“...é preciso ter em conta um aspecto importante: a história não é aquilo em que o senso comum frequentemente incorre, a identificação de uma “versão verdadeira” do passado. Pelo contrário, a história é um campo de debate permanente e, nesse sentido, ela está sempre em construção.”

Como docente e tendo em conta a ligação histórica entre Portugal e Moçambique, acha que o sistema educativo português também deveria, nas escolas do seu território continental, dar atenção mais particularizada ao ensino da história moçambicana?

Acho que sim, por uma parte das razões apontadas, precisamente a dos laços históricos que unem os dois países, além de que é sempre de defender uma perspectiva cosmopolita e de abertura ao mundo (em particular aquele “que nos é mais próximo”). Evidentemente, neste caso não se aplica a inserção no meio tal como foi atrás equacionada, talvez substituída por uma abertura ao estrangeiro, às minorias e à sua história, cultura e valores, até para combater o espírito xenófobo que infelizmente parece ganhar terreno por toda a parte.

“Não faz sentido que um aluno emigrante passe tantos anos em Moçambique, quem sabe a vida toda, sem ter um relativo domínio do tempo e do espaço neste país.”



De entre os factos mais marcantes da História de Moçambique, passada e contemporânea, quais os que, na sua opinião, deverão obrigatoriamente integrar qualquer plano curricular de estudos de uma escola estrangeira implantada em Moçambique tendo em vista o exercício de uma cidadania responsável e esclarecida?

África padeceu historicamente de três grandes feridas: a escravatura, o colonialismo e o apartheid. Estes temas devem ser tratados por estas escolas, com algum detalhe para o colonialismo e para a expressão que lhe pôs termo, a luta de libertação, esta última tão dolorosa e traumática no caso português. Mas atenção, que a história não acaba aí. É preciso entender que houve uma guerra civil após a independência e que foi feita a paz em 1992, é preciso entender que foi implantada uma democracia constitucional multipartidária a partir de 1994, etc. É preciso igualmente que essas escolas incutam princípios que preparem os alunos para enfrentar os grandes flagelos da África de hoje: a corrupção, a violência, o autoritarismo, que põem em risco tão gravemente a frágil aventura democrática. Afinal, falamos em preparar os alunos para o exercício de uma cidadania responsável e esclarecida.

Qual a sua opinião sobre o papel que a EPM-CELP vem desempenhando, desde 1999, no sistema educativo em Moçambique?

Não estou suficientemente informado para responder à sua questão. Posso talvez referir que, pela diversidade que ajuda a estabelecer no sistema geral de ensino e pelo aparente rigor (tendo em vista que é um meio privilegiado de recursos humanos e materiais em comparação com a situação mais frágil da generalidade das escolas moçambicanas) estabelece aquilo que se me afigura como um efeito de contágio positivo.

Acha que o ensino de matriz curricular portuguesa beneficia de condições cul-

turais que lhe confere vantagem na sua afirmação e implementação junto da sociedade moçambicana, comparativamente às demais propostas estrangeiras?

Não consigo responder a essa questão. Por um lado, não me é difícil reconhecer, por exemplo, que a questão da língua confere a esse ensino determinadas vantagens. Mas, por outro, também me parece que insistir demasiadamente nesse ponto denota uma visão curta e pouco cosmopolita.

O historiador e o escritor coabitam nas suas obras literárias? Se sim, quem é dominante? A condição de historiador condiciona o escritor?

Diria que coabitam apenas no sentido em que exerço os dois ofícios. Embora ambos sejam expressos em narrativas, as bases de um e outro são muito distintas, nomeadamente na finalidade, na dinâmica criadora, no modus operandi e até no trabalho da língua (no caso da história a língua é instrumento, no da literatura ela é matéria). São, em suma, dois trabalhos independentes, embora reconheça que se possam influenciar mutuamente. Jamais me ocorreria condicionar a minha ficção com recurso a instrumentos que não fossem os provenientes do jogo da própria ficção. Distancio-me totalmente da utilização da ficção para facilitar a divulgação da história (o que quer que isto queira dizer) ou do recurso à história como muleta da ficção. Abomino, por exemplo, a noção de “romance histórico”, que é muito diferente do romance localizado historicamente, que continua a ser romance e não tenta passar por história.

O que mais o seduz na escrita: ficção ou realidade?

Para responder a esta questão teremos de acertar previamente um entendimento comum das categorias de ficção e realidade (e, já agora, até de sedução). Não acho que ficção e realidade sejam catego-

»»»»



“Abomino, por exemplo, a noção de “romance histórico”, que é muito diferente do romance localizado historicamente, que continua a ser romance e não tenta passar por história.”

rias mutuamente excludentes ou opostas. A ficção nasce da realidade, é alimentada pela realidade; por sua vez, a ficção influi poderosamente na realidade. Muitas vezes caímos na ingenuidade de considerar a realidade como uma entidade absoluta e superior, inexorável, objectiva, claramente demarcável, ignorando os seus meandros e mistérios. O subjectivo, não esqueçamos, é parte integrante da realidade. Por outro lado, e descendo à sua pergunta, não se trata de sedução: a literatura opera como uma varinha de condão e, queira-se ou não, suga a realidade inteira e transforma-a em ficção.

Escrever e publicar obras literárias é lazer, obrigação ou compromisso?

Penso que é mais uma forma de expressão como tantas outras em todas as artes. Aos poucos transforma-se numa maneira de estar, de viver, em suma, numa necessidade. Neste sentido, não é lazer, porque tem as suas próprias exigências (não se conforma com “horas mortas”, exige de nós cada vez mais investimento), nem é obrigação ou compromisso porque, não vivendo eu da escrita literária, só publico aquilo que quero e quando quero.

Já está a escrever o seu próximo livro? Qual o tema?

Sendo uma maneira de estar no mundo, a escrita é em mim uma actividade permanente. Tenho uma novela no prelo, escrita já há algum tempo, e um livro “em oficina”. A novela tem por título “Água” e subtítulo “Uma Novela Rural”. Quanto ao livro, diria que é ainda cedo para falar nele simplesmente por ainda não estar inteiramente certo do que ele virá a ser.

Acha que a língua portuguesa tem potencial crescente de difusão mundial ou enfrenta já limites incontornáveis?

O potencial está no crescimento dos povos

que a falam e escrevem na língua portuguesa e os limites estão em grande medida na atitude néscia daqueles que tinham o dever de a promover. O número de falantes de português aumenta de dia para dia, mas também aumentam, há que reconhecer, as “ameaças” à língua e às culturas de que ela é inseparável. Essas “ameaças” resultam sobretudo do processo de integração global (e da monocultura que ele tentará sempre gerar), mas também do negligenciamento a que a língua e a cultura têm sido votadas pelos poderes públicos nos países de língua portuguesa, a meu ver sem excepção, negligenciamento esse que assenta em pretextos como o do constrangimento adveniente da recente crise económica mundial, que escondem o triunfo do economicismo impante. Moçambique não escapa à regra, basta ler os jornais ou trabalhar com os alunos todos os dias para perceber isso. Nada é feito para promover o livro e a leitura, ou o ensino do português. Poucos estudantes universitários escrevem um parágrafo sem graves problemas de sintaxe e erros de ortografia. Não se liga a língua às suas culturas. O que temos em vez disso, no espaço de língua portuguesa? Temos “grandes” medidas de estratégia como o Acordo Ortográfico, uma tentativa obscena (sei que a palavra é forte) de tentar fazer dela um mero “activo” de mercado gerido politicamente com supostos fins geoestratégicos a partir de um putativo centro, numa intenção quanto a mim reveladora de uma patética e quase ridícula (não envolvesse ela elementos tão trágicos) mentalidade pós-imperial, a soar a tempo antigo. Ignora-se que língua é falada, mas também escrita, desenraíza-se a língua do seu passado, despreza-se a ligação da língua às culturas cuja diversificação se acentua após as independências das antigas coló-

nias, argumenta-se como se fizesse sentido sotaques diferentes corresponderem a uma mesma ortografia e como se uma monocultura não fosse imensamente mais pobre em espécies que uma floresta luxuriante. Não percebem a imensa vantagem que é gentes tão diferentes poderem encontrar-se na mesma praça e entender-se, a imensa riqueza que é podermos ler Nasar, Aquilino e Luandino Vieira sem necessitar de tradução. Eu resumiria o que se passa da seguinte maneira: um grupo muito restrito de académicos surge por obscuras razões com uma proposta infeliz que as autoridades do centro se apressam a instrumentalizar e a propor às periferias perante a aceitação ou indiferença da classe política em todos os nossos países. Por meio de várias pressões, munido de um sorriso beato e uma grande paciência, esse centro aguarda serenamente que todos acabem por subscrevê-la. Por esta razão me parece que o potencial de crescimento da língua é prejudicado precisamente por aqueles que tinham historicamente o dever de facilitar a sua concretização.

“Muitas vezes caímos na ingenuidade de considerar a realidade como uma entidade absoluta e superior, inexorável, objectiva, claramente demarcável, ignorando os seus meandros e mistérios. O subjectivo, não esqueçamos, é parte integrante da realidade.”

Reconhece particularidades na existência de Moçambique no quadro dos países africanos de expressão portuguesa? E na África Austral? Quais em ambos os casos?

Evidentemente que sim. Para apontar apenas algumas, direi que Moçambique faz uma espécie de ponte com o Índico e o Oriente que é preciosa para os países de





expressão portuguesa no geral, e também de África. No contexto da África Austral, apontaria duas características distintivas que me parecem muito importantes: uma é o facto de Moçambique constituir precisamente uma porta da região para o Índico, a outra é o factor língua portuguesa num contexto de predominância da língua inglesa. Finalmente, diria que a maior particularidade do país, que é também a sua maior riqueza, é a sua extrema diversidade.

Como está o ensino da História de Moçambique nas escolas básicas e secundárias e ao nível da formação de professores?

Embora o meu conhecimento seja geral e indirecto, atrever-me-ia a dizer que o ensino da História de Moçambique corre sérios riscos de estiolar. Temo-nos acomodado, ao longo dos anos, à mera transmissão de temas pré-seleccionados e a versões cristalizadas do passado. Não há debate, não há esforço para trabalhar e disponibilizar as fontes de arquivo, não há trabalho de produção de fontes orais. Em suma, vivemos um tempo de presente, em que a história serve sobretudo enquanto elemento legitimador do poder e não assenta em princípios de curiosidade, interrogação e criação. O papel da História é ensinar a conhecer e a questionar para nos podermos situar colectivamente no mundo com conhecimento de causa. Levará, suspeito, bastante tempo até que mude a maneira de ver e fazer as coisas a este respeito.

Como antevê o futuro imediato de Moçambique face à sua história recente e

“Embora o meu conhecimento seja geral e indirecto, atrever-me-ia a dizer que o ensino da História de Moçambique corre sérios riscos de estiolar. Temo-nos acomodado, ao longo dos anos, à mera transmissão de temas pré-seleccionados e a versões cristalizadas do passado.”

às ameaças à paz que são diariamente dadas a conhecer ao público?

A nossa transição democrática dá mostras de grande desgaste. O futuro imediato é imprevisível e bastante sombrio. ■

Nota

João Paulo Borges Coelho acedeu ao nosso convite de entrevista redigindo, por mão própria, as respostas às perguntas de “O Pátio”. Não utilizou o acordo ortográfico por opção pessoal respeitada por “O Pátio”.



PERFIL

JOÃO PAULO BORGES COELHO
Historiador e escritor

Naturalidade
Porto (Portugal)

Ano de nascimento
1955

Habilitações académicas
Licenciatura em História pela Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique)

Doutoramento em História Económica e Social pela Universidade de Bradford (Reino Unido)

Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Aveiro

Atividade profissional
Professor de História Contemporânea de Moçambique e África Austral na Universidade Eduardo Mondlane
Professor convidado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para o mestrado de História de África

Primeiro livro
“As duas sombras do rio” (2003)

Prémios literários
José Craveirinha (2005 - “As Visitas do Dr. Valdez” e 2006 - “Crónica da Rua 513.2”)
Leya (2010 - “O Olho de Hertzog”)





EPM-CELP e MINEDH unidos na promoção do livro e da leitura

A EPM-CELP e o Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) de Moçambique aprovaram, em abril último e pela primeira vez, a implementação de um plano comum de atividades para vigorar no ano escolar moçambicano de 2016, no âmbito da criação e dinamização de bibliotecas escolares, bem como da promoção da leitura nas escolas do sistema de ensino moçambicano. Trata-se do primeiro documento elaborado em conjunto pelas partes desde a assinatura do Protocolo de Cooperação entre Portugal e Moçambique, em 2010, o qual assinalou o início do projeto “Mabuko Ya Hina” (Os nossos livros), coordenado pela EPM-CELP e desenvolvido junto de escolas moçambicanas.

A construção do plano de atividades requereu vários encontros de trabalho preparatório sistematicamente realizados durante os meses de março e de abril, na

EPM-CELP, com as participações ativas de Ana Albasini, professora coordenadora do projeto “Mabuko Ya Hina” na EPM-CELP, e de Constâncio Xirinda, técnico pedagógico do MINEDH. As bases para a sua elaboração foram lançadas no encontro realizado a 9 de fevereiro, no MINEDH, mediado pela diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, e pela diretora Nacional do Ensino Primário de Moçambique, Gina Guibunda, acompanhadas pelo chefe do Departamento de Gestão do Livro Escolar e Materiais Didáticos do MINEDH, Remigio Rainde, pela representante da Embaixada de Portugal em Moçambique para a área da cooperação, Raquel Leandro, pela diretora do Centro de Formação e Difusão da Língua Portuguesa da EPM-CELP, Luísa Antunes, e pela coordenadora do projeto “Mabuko Ya Hina”, Ana Albasini.

O encontro de fevereiro definiu, então, novas estratégias de ação para garantir a

sustentabilidade e evolução do projeto “Mabuko Ya Hina”, e reconheceu a importância e valor das bibliotecas escolares e maletas de livros para a promoção da leitura e do sucesso dos alunos nas escolas do sistema de ensino moçambicano. Os representantes de ambas as partes atribuíram nota positiva àquele encontro de trabalho que a todos beneficiou pois ofereceu a possibilidade de partilhar saberes e experiências para as colocar ao serviço da cooperação na área da Educação.

A criação do plano comum de atividades reforça a colaboração entre a EPM-CELP e as escolas do sistema de ensino de Moçambique, incluindo as respetivas bibliotecas integradas na Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal. Esta parceria também conta com a participação da Fundação Portugal-África, da AIDGLOBAL, das associações parceiras do projeto “Mabuko Ya Hina”, dos grupos culturais e organizações não-governamentais que operam na área do desenvolvimento e das próprias comunidades locais.

A necessidade de desenvolver ações articuladas entre a EPM-CELP e o MINEDH, no que diz respeito à criação e gestão das bibliotecas escolares e maletas de leitura nos estabelecimento de ensino locais, justificam a criação de formas colaborativas que deem expressão formal e substancial à cooperação entre Portugal e Moçambique, na qual avulta o projeto “Mabuko Ya Hina” e o esforço paralelo e permanente de formação de professores e técnicos bibliotecários das escolas moçambicanas. ■

Projeto “Mabuko Ya Hina” emparceira com escolas do sistema de ensino moçambicano

O projeto “Mabuko Ya Hina” (Os Nossos Livros) tem desenvolvido, desde a sua fundação, atividades de incentivo à leitura, procurando despertar nas crianças e nos jovens o gosto pelo livro com o objetivo de formar verdadeiros leitores. É neste contexto que a EPM-CELP, por vinculação à Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) de Portugal, é parceira de excelência de muitas escolas públicas e comunitárias do sistema de ensino de Moçambique, onde procura promover o gosto pela leitura e escrita junto dos alunos, auxiliando na montagem de bibliotecas escolares e distribuindo maletas de livros. É uma intervenção que tem contribuído para a qualificação das aprendizagens dos alunos, segundo reconhecimento dos próprios dirigentes escolares.

Sonhos de Eneas Comiche traduzidos em livro pela EPM

A Escola Portuguesa de Moçambique procedeu, a 15 de março último, ao lançamento da obra “Eneas Comiche, do sonho à realidade” em cerimónia realizada no Centro Cultural Ntsindya, arredores da cidade de Maputo. Trata-se de uma publicação que integra a coleção “Histórias que tecem a história” da EPM-CELP, elevando para três o número de obras daquela coleção que procura contribuir para a reconstituição da história recente de Moçambique.

A cerimónia contou com a presença de representantes de várias entidades públicas moçambicanas, incluindo, pela primeira vez, a do Presidente da República de Moçambique, Jacinto Filipe Nyusi. Também esteve presente Armando Guebuza, antecessor de Nyusi. Coube ao escritor Calane da Silva apresentar a obra na presença de António Cabrita, o entrevistador e redator da obra de Comiche. A diplomacia portuguesa esteve representada pela ministra conselheira da Embaixada de Portugal em Moçambique, Indira Noronha, e pelo vice-cônsul de Portugal em Moçambique, António Pinheiro.

A cerimónia foi conduzida por Ana Castanheira, do serviço de Relações Públicas da EPM-CELP, igualmente coordenadora da organização do evento, que contou, para além da apresentação da obra, com várias intervenções discursivas entre as quais relevam as do Presidente Jacinto Filipe Nyusi e da diretora da nossa Escola, Dina Trigo de Mira.

A publicação “Eneas Comiche, do sonho à realidade” constitui mais uma res-



Jacinto Filipe Nyusi, Presidente da República de Moçambique, cumprimenta Eneas Comiche

posta ao desafio da EPM-CELP para ajudar a construir, a partir de relatos de vida de figuras relevantes da vida pública moçambicana, a história mais recente de Moçambique, tal como foi o propósito das publicações precedentes desta mesma coleção. A escolha de Eneas Comiche para a última obra relaciona-se com a sua intervenção pública desde o período colonial até aos nossos dias, para além do trabalho realizado em prol da cidade, da economia e da esfera política. ■

Notas biográficas de Eneas Comiche

Eneas da Conceição Comiche nasceu em Moma (Moçambique) a 28 de julho de 1939. Casado e pai de três filhos, licenciou-se em Economia pela Faculdade de Economia do Porto (Portugal) em 1969. É membro da Comissão Política do Partido Frelimo e foi presidente do Conselho Municipal de Maputo e vice-presidente do Conselho da Administração do Banco Internacional de Moçambique, entre outros cargos públicos desempenhados em Moçambique e no cenário internacional.



1.º Seminário de Educação Inclusiva



Reflexão e partilha de ideias respondem às necessidades educativas especiais

A Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP), em parceria com a Universidade Católica de Moçambique (UCM), promoveu o primeiro seminário intitulado "Educação inclusiva: entre a família, a escola e a universidade". O evento, realizado a 13 de abril último, no Auditório Carlos Paredes, durou cerca de nove horas e reuniu docentes e técnicos da nossa Escola, académicos representantes de universidades locais, profissionais especializados, encarregados de educação e alunos do Instituto Superior de Ciências da Saúde. Uma iniciativa pioneira na área da educação especial em Moçambique.

Coube aos alunos da Sala de Ensino Estruturado da EPM-CELP abrir o seminário com uma apresentação musical muito peculiar: envoltos em mantos brancos com estrelinhas estampadas, interpretaram se-

renas melodias num espetáculo de grande impacto visual e emocional, a condizer com o evidente convite à aceitação da diferença e desafio à transformação de atitudes e comportamentos face ao estereótipo da deficiência. Como referido no discurso inaugural proferido por Dina Trigo de Mira, diretora da EPM-CELP, uma escola orientada para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, o seminário visou proporcionar "um espaço de partilha de experiências e de projetos de investigação e desenvolvimento, no quadro da relação entre a família, a escola e a universidade."

A conferência inaugural foi proferida pelo reitor da UCM, Alberto Ferreira, que abordou o tema "A Educação Inclusiva na Universidade", focando a necessidade de promover melhorias no ensino superior

tendo em vista uma maior eficácia nos esforços de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais, para os quais a UCM, por exemplo, disponibiliza bolsas de estudo.

O docente da Universidade Politécnica, Carlos Sotomane, centrou a conferência seguinte, do período inaugural da manhã, no tema "A Formação Psicopedagógica dos Professores" através da qual se deve procurar uma crescente adequação das competências profissionais dos agentes de ensino às reais e específicas necessidades educativas especiais de cada um dos alunos com as suas capacidades e limitações próprias.

A terminar a manhã, Lúcia Simbine, professora da Universidade Pedagógica,

»»»»»





falou da temática “A Educação Inclusiva no Ensino Superior: Uma experiência na Universidade Pedagógica”, contextualizando a questão da discriminação e as atitudes dirigidas, no passado recente, a alunos portadores de deficiência e reveladores de necessidades educativas especiais. Aludindo à Declaração de Salamanca, assumida em 1994 numa resolução da Organização das Nações Unidas e que trata dos princípios, política e prática em educação especial, Lúcia Simbine lembrou

a utilidade legislativa do documento, mas procurou medir objetivamente a distância a que a sua aplicação ainda se encontra do mundo real, concretamente no contexto socioeconómico de Moçambique.

Abriam os trabalhos do período da tarde os alunos da Sala de Ensino Estruturado da EPM-CELP que, mais uma vez, animaram os presentes a quem ofereceram uma demonstração, bastante mexida, de marrabenta, a incontornável dança tradicional moçambicana mais conhecida. Estava dado o mote para o início de uma série de três painéis temáticos consecutivos dedicados a vários aspetos particulares da educação inclusiva e suas relações com a escola e a família. Uma metodologia que suscitou muita interação e troca de opiniões mais próxima entre todos os participantes no 1.º Seminário de Educação Inclusiva.

O primeiro painel dedicou a atenção ao tema “A Relação Escola-Família no Quadro das Necessidades Educativas” e esteve a cargo dos próprios pais e encarregados de educação que, de viva voz e na primeira pessoa, fizeram relatos de experiências, transmitiram preocupações e divulgaram as dificuldades que giram em torno da atualidade e futuro dos seus educandos com necessidades educativas especiais. As intervenções constituíram oportunidades para dar voz às conquistas, angústias e preocupações das famílias que têm no agregado familiar um aluno portador de deficiência a carecer de intervenção educativa especial. Os discursos referiram o papel que a EPM-CELP tem desempenhado no acolhimento e



Gabriela Canastra foi a coordenadora do evento

acompanhamento dos alunos com necessidades educativas especiais e revelaram testemunhos de gratidão, mas também de responsabilidade e expectativas relativamente ao futuro do projeto de inclusão na nossa Escola.

Os dois restantes painéis do período da tarde – “Serviços Especializados no Âmbito da Inclusão” e “Educação Especial e Transições” – reuniram profissionais de áreas da Educação Especial da nossa e de outras instituições de ensino, como Nazir Ibrahim, diretor pedagógico do Instituto Superior de Ciências da Saúde, de Maputo, e Raquel Carreto, do Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão, em Portugal. As abordagens centraram-se nos caminhos e perspetivas dos programas de inclusão social na Escola e na transição para a vida ativa, na tentativa de procurar respostas concretas para a construção de perfis de vida cada vez mais autónomos e de qualidade para os que agora são alunos com necessidades educativas especiais. O caminho, unanimemente reconhecido, é iniciado na escola e projetado para a afirmação da autonomia e plena inclusão dos jovens e adultos na comunidade em que estão inseridos.

“No fim do seminário houve um sentimento generalizado de enriquecimento pessoal e profissional e uma satisfação por parte dos docentes de educação especial da EPM-CELP, ao ver concretizado este projecto de debates e conferências” referiu Gabriela Canastra, coordenadora do Núcleo de Educação Especial da nossa Escola. ■



Falar a língua musical é comunicar emoções humanas

Professor e músico, desenvolveu uma pedagogia ativa e criativa, inspirado nas ideias de Carl Orff de quem foi discípulo e amigo. A sua pedagogia baseada na união entre a música, o gesto e a palavra também valoriza a comunidade, a totalidade e a união.

Entrevista conduzida por FULGÊNCIO SAMO

Como despertou em si o gosto pela música?

Tudo partiu naturalmente da minha família: o meu pai era um bom cantor e a minha mãe uma violinista. Portanto, todas as crianças da família aprenderam música com uma tia que estava no conservatório. Mais tarde, enquanto frequentava a escola primária, comecei a cantar no grupo coral da minha catedral onde ganhei o gosto de cantar. E porque era o mais novo do grupo e tocava piano, o chefe do coro pediu-me para passar a acompanhar o grupo coral quando eu tinha 12 anos. Depois fui também organista do colégio onde fiz estudos na área das humanidades e, mais tarde, de filosofia e de teologia, tendo-me tornado, também, chefe do coro da catedral. Depois disto, no mesmo colégio, fui nomeado professor para dar aulas de latim, grego e história. Portanto, estava tudo junto: o órgão, a religião, os estudos e o grupo coral, criando um ambiente que propiciou a minha formação de pedagogia musical e de organista.

E como se deu o salto para o estabelecimento da sua pedagogia musical?

Sou profissionalmente organista e a pedagogia surgiu como extra. Mas o meu professor na altura, Marcelle Andris, conhecia pessoalmente Carl Orff e pediu-me para continuar a desenvolver a pedagogia musical, tomando-me pela mão e apresentando-me a Carl Orff, com quem simpatizei imediatamente e ele comigo também, o que me entusiasmou bastante. Quando o professor Marcelle Andris morreu, em 1965, assumi todas as suas funções, tornando-me professor de pedagogia musical no mesmo instituto onde estudei, adotando no meu ensino os princípios de Carl Orff. Fiz também a tradução de algumas obras de Orff para o francês e flamengo, sendo também o próprio Orff que corrigiu obras que eu escrevi. Depois, Orff pediu-me para orientar uma ação de formação organizada

pelo Ministério da Educação de França, tendo sido a primeira ação, em francês, com um grande sucesso, marcando o começo de toda a tradição musical de Carl Orff. A partir de então e até agora já ministrei mais de mil ações de formação, ensinando em cerca de 53 países.

Como chegou a sua atividade a África?

Carl Orff pediu-me para expandir o seu sistema a África, porque eu falava francês. Devia vir lançar a pedagogia nos países francófonos, tendo feito a minha primeira formação por volta de 1967. Fiz também conferências na Tunísia, Argélia, Marrocos e Camarões, com muito sucesso. Carl Orff ficou muito satisfeito. Constituíamos praticamente uma família, havia uma boa relação e foi por causa disso que continuei a divulgar esta pedagogia musical por muitos países do mundo, incluindo Israel, China, Síria, Grécia, Bélgica, Alemanha, Rússia, Filipinas, Estados Unidos da América, Canadá, Argentina e Brasil, entre outros. O interessante é que este método oferece sempre algo a qualquer cultura, razão pela qual funciona muito bem em todo o mundo.

Qual a sua obra mais importante na área da música e qual o principal legado que deixa para a humanidade?

Devo dizer que tenho um dom e sinto-me feliz por o ter recebido. Não é meu mérito, mas um dom que recebi. Tenho uma magia, sinto que comunico bem com as pessoas, o que é muito importante porque podemos também transmitir sentimentos e conhecimentos. É sobretudo este equilíbrio de personalidade que é importante. Tenho uma personalidade que é afirmativa e o meu trabalho vai na mesma direção. O sistema Orff não é estruturado, é apenas um conjunto de experiências, mas sem uma linha que una um ponto desejado a outro. Isso é o que faço. Elaborei um sistema a que eu chamo, agora, Wuytack, ba-



Jos Wuytack

Professor e músico

seado em Orff, embora tudo o que nós fazemos seja adaptado à pedagogia. Quer dizer, eu estruturei o ritmo, a melodia e a harmonia e pensei como podemos construir uma pedagogia incorporadora da ideia dos gregos que é “a música é uma totalidade da expressão verbal, musical e corporal”. Quer dizer, no meu sistema a música transforma-se numa totalidade de três dimensões, organizadas pedagogicamente, havendo uma sequência de aprendizagem. Por exemplo, a melodia começa pelas notas, é organizada pelas notas bitónica, tritónicas até ao nível pentatónico, subindo progressivamente. Portanto, o sistema que agora ensino pelo mundo é a minha versão das ideias de Orff, porque, originalmente, ele não fez pedagogia. É

»»»»»





por isso que me sinto feliz porque esta pedagogia faz-me sentir realizado: ensinei milhares de professores e estes ensinaram milhares de crianças. Sinto-me contente por ter dado alguma coisa a este mundo para que ele seja melhor, mais equilibrado e, sobretudo, mais humanizado. Também sou o inventor do sistema de audição musical ativa. Elaborei todo um sistema para ajudar as crianças a compreender a música. E este é o sistema do musicograma, uma visualização do que podemos ouvir com símbolos, formas geométricas e cores.

O que pensa sobre a música africana?

Estou convencido que é uma maravilha! Digo sinceramente que, por vezes, tenho inveja de não ser capaz de fazer como os africanos. Tudo o que oiço de música africana tem um coração, é latente, tem um valor formidável. Um valor inato. Os africanos têm isso no corpo. Estão sempre a mexer. É o que eu procuro fazer com os “pobres” europeus que não sabem dar passos para a frente. Na Europa estamos tão ocupados com a cabeça que não somos capazes de nos mexer. Em África é ao contrário: há talento para mexer e cantar. Admiro!

Há alguma razão particular para ter escolhido Portugal como país onde fundou a Associação Wuytack de Pedagogia Musical e onde funciona desde 1968?

Comecei a ensinar em Portugal em 1968, em Lisboa, juntamente com os outros animadores do Instituto Orff de Salsbourg. Depois pediram-me para voltar - é o meu calvário de sempre, em todos os lados - e foi o que aconteceu também em Portugal, propondo uma ação no Porto, que aceitei. Fiz aulas regulares e depois conheci a Graça, que era minha aluna. Ela, entretanto, foi estudar para a Bélgica, para o

meu Instituto, após o que nasceu uma relação entre nós. Começámos, então, a organizar melhor as formações em Portugal. Em 1992 fundámos a Associação Wuytack de Portugal, da qual a Graça é a diretora. Ensinei em Portugal durante 43 anos. No início foi em francês, depois em espanhol e apenas nos últimos anos é que falo “espanguês”. Em Portugal o sistema funciona muito bem, porque os professores são formados por mim para seguir esta linha pedagógica.

Quais as perspetivas de continuidade?

Devo dizer que não penso em fazer muito mais coisas. Tenho 80 anos. Penso mais na necessidade de descansar. Agora estamos no terceiro ano do último ciclo em Portugal, que espero terminar dentro de dois anos. Quando acabar ficarei contente. Fiz muito: ensinei durante 40 anos consecutivos nos Estados Unidos da América, o meu sistema é seguido em todo o lado. No ano passado estive numa reunião da Associação Orff de Nova York onde estavam cerca de 10 mil pessoas, a quem ensinei. Foi uma satisfação fantástica ver toda esta gente, incluindo professores que foram meus alunos. Aquela associação tem cerca de mil professores. Portanto, o sistema funciona.

Quais as principais vantagens do seu método? O seu método é compatível com a cultura africana? Como se adapta a todos os contextos e se universaliza, tendo em conta os traços musicais característicos de cada região?

É fantástico porque vai ao encontro de cada cultura. Porque o canto e o movimento já está incorporado, o que é necessário é estruturar para que seja uma linha pedagógica.

Como se sente na “pele” de último discípulo em vida do método Orff?

Sinto-me muito feliz e orgulhoso de ter feito muitas coisas para as ideias de Orff. Éramos bons amigos, reconheceu-me valor e convidou-me para trabalhar com ele. Espero ter feito o que deveria ter feito: a difusão das ideias fundamentais de Orff.

Qual o valor da música na formação integral do indivíduo?

Podemos pensar na música como uma língua e comunicação, neste caso não com as palavras, mas com o som. Faço a pergunta: será que devemos dominar a leitura para comunicar? Não. Não praticamos a leitura para comunicar. Podemos comunicar sem ler. Na música é a mesma coisa. Não é preciso ler as notas. O importante é a comunicação. A comunicação nas aulas passa pela imitação, pelo treino e desta forma falamos a língua musical, que é a comunicação das emoções humanas ou até uma filosofia.

Qual a melhor forma de aprender música: ensino curricular de escola ou prática privada de um instrumento?



Para mim, francamente há duas coisas: as crianças que querem, mais tarde, fazer música profissionalmente devem ir para a escola de música, depois da escola normal, para aprender solfejo porque senão nunca podem tocar um instrumento. Esta é uma dimensão. A outra dimensão, que me interessa muito, é a que diz respeito às crianças que estão nas escolas e que não serão profissionais da música. Para elas, não serve para nada ler as notas, o mais importante é que façam música, que cantem, que dançam e que pratiquem a expressão musical. Este é o sistema que quero, não para os profissionais, mas para todo o mundo. Que todo o mundo possa aproveitar esta formação, que é ao mesmo tempo humanitária. ■

PERFIL

Jos Wuytack
Professor e músico



Data de nascimento
23 de março de 1935

Local de nascimento
Gent (Bélgica)

Habilitações académicas
Completo estudos superiores em Música (composição, piano, órgão), Pedagogia e Teologia.

Atividade profissional
Foi titular de Pedagogia Musical no Instituto Lemmens da Universidade de Lovaina (Bélgica)
Lecionou no Instituto Superior de Música de Namur (Bélgica), no Conservatório de Tilburg (Holanda), no Instituto Musical de Métodos Ativos de Lyon (França) e na Universidade de Los Angeles (Estados Unidos)
É professor da Associação Wuytack de Pedagogia Musical (Porto - Portugal) desde 1968



Trabalhar sozinho ou em colaboração?

Desafios de um paradigma integrado de diferenciação e colaboração

Responde a estas perguntas: “Consideras importante aprender? O quê e para quê? Então, como gostarias de ser ensinado?” Provavelmente as respostas terão tanto de diversidade quanto de ingenuidade. Mas haverá poucas dúvidas em relação à resposta perante a última pergunta: “De forma motivante, de acordo com as minhas necessidades individuais.”

Acreditamos, genuinamente, numa mudança de paradigma na organização das aprendizagens dos alunos em sala de aula que têm de, por um lado, responder às necessidades de todos os alunos, sem exceção, e, por outro, passar pela identificação e resolução de um determinado problema, associado a um ou mais contextos. Significa isto que temos de dar um significado àquilo que os alunos aprendem. Temos de pensar a longo prazo e contribuir para que os nossos alunos adquiram e consolidem um conjunto de competências que lhes permita enfrentar situações de desafio e não desistir, tomar iniciativa, assumir atitudes de liderança e trabalhar para objetivos, cooperando ativamente para o sucesso pessoal e do grupo. Esta tem sido uma das nossas maiores preocupações na organização das aprendizagens dos nossos alunos.

Vivenciar situações de superação, como a passagem de um plinto com a

ajuda de um colega; de cooperação, como constituir equipa de andebol com alguém que não faz parte do meu círculo social; de liderança, como assumir a decisão de efetuar determinada ação técnico-tática num jogo de basquetebol; de equipa, como passar a bola ou “ir à dobra” ao meu colega; de resiliência e colaboração, como jogar badminton com um colega pior ou melhor que eu; de solidariedade, como abraçar um colega de outra cultura só porque marcámos um golo numa grande jogada. Todas elas fazem parte do nosso trabalho diário com os nossos alunos. No entanto, a criação de um ambiente de aprendizagem que propicie a aquisição destas competências demora tempo, requer muita persistência e, principalmente, muitos compromissos coletivos na sua organização, ou seja, muito trabalho colaborativo entre os profissionais. Significa isto que também temos de ser portadores destas mesmas competências sociais. Practice what you preach.

O Departamento de Educação Física e Desporto Escolar (DEFDE) da Escola Portuguesa de Moçambique acredita que tem vindo, ao longo dos anos, a aprender através dos compromissos e partilha profissionais, bem como do trabalho colaborativo e da nossa auto e hetero formação profissional. Para garantir que os alunos tenham o



ambiente de aprendizagem e o paradigma de avaliação que falámos anteriormente, foi necessário dar muitos passos em conjunto, colaborativamente.

Formação Recíproca. Tem sido prática do nosso DEFDE o desenvolvimento curricular baseado na escola, isto é, as decisões que tomamos resultam de informações qualificadas e contextualizadas. Temos por hábito tomar decisões a partir de resultados de aprendizagem dos nossos alunos. E é com base nestes resultados que temos definido as nossas prioridades de formação, a construção do nosso Plano de Formação, bem como a realização de ações internas de formação recíproca, ou seja, a especialidade de cada colega torna-se acessível a outro através de momentos de prática e discussão.





Supervisão Partilhada. Trata-se de um processo de supervisão da intervenção pedagógica de cada um de nós, numa lógica de desenvolvimento profissional, realizado entre dois, três ou mais colegas. Significa que vamos observar as aulas uns dos outros. O ponto de partida, a iniciativa deste processo, é sempre de quem é visitado, isto é, de quem está a dar a aula. O parceiro é utilizado apenas para produzir a informação que quem está a dar a aula precisa. Esta lógica pressupõe que exista sempre uma “encomenda” feita por quem vai dar a aula observada. É esse ou esses aspetos que devem ser o foco da observação.

Plano Plurianual. Foi aprofundado e é um documento orientador do trabalho dos professores do pré-escolar ao 12.º ano, que contempla opções estratégicas de trabalho prioritário. São definidas prioridades por ano e por ciclo, em relação ao que se quer

atingir no final do processo. Apesar de ser um documento constantemente revisto e objeto de reflexão pelos professores de Educação Física, define uma linha orientadora vertical de trabalho.

Protocolo de Avaliação e Conferências Curriculares. O protocolo começa por ser aplicado na avaliação inicial. Para o DEFDE esta etapa tem duas dimensões: por um lado permite identificar as competências que os alunos dominam e, por outro, prever o que os alunos irão ser capazes de alcançar com a ajuda do professor e das aulas. Todas estas informações são recolhidas através de situações-prova previamente definidas e comuns a todos os professores dos mesmos ciclos de ensino. Os critérios de avaliação estão definidos em documentos do DEFDE e foram aferidos entre os professores. O tratamento desta informação é realizado por

cada professor e é partilhada em cada uma das conferências curriculares dos ciclos de escolaridade, em três momentos ao longo do ano letivo: final da avaliação inicial, meio do ano e final do ano. É nestas reuniões que os professores, de cada ano e ciclo, estabelecem prioridades e estratégias transversais a todas as turmas.

Provas Globais. Trata-se de provas práticas de demonstração das competências adquiridas pelos alunos que são avaliados por um júri de três professores, de preferência a lecionarem noutros ciclos de ensino, e que permitem, em situação concreta, a aferição de critérios de avaliação. Saliente-se que todos os professores do departamento estão envolvidos nos júris das provas.

Diferenciar o Ensino. Na Educação Física, tal como em qualquer outra disciplina, os alunos apresentam níveis de competência e ritmos de aprendizagem diferentes, logo devem ter estímulos diferentes. Para garantir que cada aluno aprende efetivamente e trabalha para os seus objetivos, ele é envolvido em grupos heterogêneos e homogêneos de trabalho, dentro e fora da sua turma. Significa isto que partilhamos alunos consoante as suas necessidades, sempre ao encontro do seu interesse e sucesso. Daí que as opções estratégicas da elaboração dos horários de Educação Física sejam hoje baseadas neste princípio pedagógico, ou seja, turmas dos mesmos anos e ciclos à mesma hora e em espaços contíguos.

Naturalmente, estes foram passos dados ao longo dos anos sempre em conjunto. Sozinhos não teríamos feito muito. Passos que não são processos perfeitos e carecem de revisão e reflexão constantes. No entanto, acreditamos que são passos importantes para um ensino e uma escola mais colaborativa.

Como qualquer mudança de paradigma, o período de transição demora tempo e tende a encontrar resistência. Assim, prevemos dois grandes desafios na promoção de um sistema educativo mais colaborativo. Primeiro, a máxima de *practice what you preach*, isto é, como será possível promover e avaliar a resolução de problemas em cooperação se nós, professores e escola, temos dificuldades diárias em resolver problemas através de trabalho colaborativo. O segundo grande desafio está assente no conceito de *social loafing* de Ringelmann, que se traduz no fenómeno em que um indivíduo, numa equipa, esforça-se menos para atingir um objetivo do que se estivesse a trabalhar sozinho (ver “*Loafing on The Job*” de James Larsen). Que soluções existem para superar esses desafios? ■

Desenhar rotas de comunicação desafia engenho e imaginação

O comportamento da EPM-CELP na área da comunicação externa tem sido inspirado na atenção permanente que dedica aos sinais emitidos pelos membros da comunidade envolvente no que toca às suas necessidades de informação para o relacionamento com a organização.

A Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP) comunica externamente com a comunidade que serve através de vários meios e formas. Mais do que perfilar um determinado modelo de comunicação, adota práticas construídas pela experiência inspirada na necessidade incontornável de transmitir aos membros da sua comunidade informações relativas à sua própria existência e atividade. De resto, ninguém é capaz de não comunicar pois a própria inibição seria, em si mesma, uma mensagem significativa, ou seja, de dispensa da comunicação.

O universo de comunicação da EPM-CELP é uma construção que se define permanentemente no tempo a partir de múltiplos factores, entre os quais avultam a sua própria natureza institucional e organizacional, a sua missão, os recursos físicos e materiais disponíveis e, sobretudo, as suas próprias ideias e ambições ao serviço do projeto educativo que constrói e persegue como desígnio social. Não se inspira em nenhuma conceção ou modelo clássicos mais ou menos prescritivos que prometem o éden da comunicação, mas baseia-se numa interpretação contínua dos seus anseios e limites e, principalmente, no aproveitamento tão vantajoso quanto possível dos recursos disponíveis, sobretudo os associados às tecnologias de informação e comunicação e aos ativos humanos.

É na confluência da crescente tendência de autonomia das instituições escolares, por via da personalização curricular que as singularizam, e da plasticidade criativa na utilização das tecnologias de comunicação que as escolas podem desenhar

a sua expressão comunicativa, em aproveitamento dos seus recursos técnicos e humanos, bem como do seu património ideário. Constroem-se, assim, práticas e procedimentos capazes de traduzir, da melhor forma possível, as intenções e ambições institucionais e de satisfazer as necessidades da organização. A qualidade e quantidade das respostas configurarão, quanto muito, um perfil de comunicação identificativo de cada escola, mais ou menos aberto e interativo com o meio envolvente.

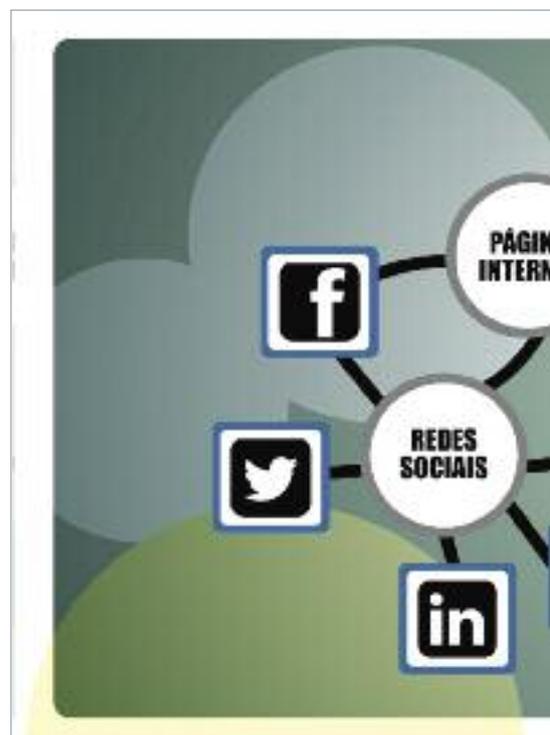
O universo da comunicação da EPM

Integram o universo de comunicação da EPM-CELP a revista “O Pátio”, que publica neste número a sua 100.ª edição, a página oficial da instituição na internet, canais próprios em algumas redes sociais, concretamente o Facebook, o Twitter, o YouTube e o LinkedIn, e ainda, através da rede internet, um canal exclusivo de comunicação com os encarregados de educação dos nossos alunos e outro com os média. Não são considerados aqui os canais próprios de comunicação interna utilizados para difusão de mensagens entre professores, alunos e funcionários.

Este conjunto de meios de comunicação operam num cenário de dinâmicas de complementaridade e interdependência que procuram garantir a eficácia e eficiência na difusão das mensagens dentro do prazo previsto. Aquela dinâmica poderá, até, produzir efeitos redundantes, mas estes são marginais e com impacto quase nulo.

REVISTA “O PÁTIO”

A revista “O Pátio” é a publicação oficial da EPM-CELP que, atualmente, tem periodicidade bimestral. Pelo facto de ser a única publicação regular em formato papel, o “O Pátio” procura integrar todas as visões e valências institucionais e corresponder a todas as expectativas dos membros da sua comunidade educativa, amigos, parceiros e colaboradores. Neste quadro cabem as visões internas e externas, procurando-se um equilíbrio entre ambos que, por um lado, mantenha a publicação fortemente personalizada e, por outro, assuma o universalismo inerente à natureza da atividade que desenvolve no contexto cultural do país de acolhimento. A par da sua missão educativa junto das crianças e jovens, à EPM-CELP está tam-



bém reservada uma significativa intervenção social na área da cooperação entre Portugal e Moçambique, concretamente no ramo da educação.

“O Pátio” é, pode dizer-se, a publicação generalista da EPM-CELP que através dela procura dar a conhecer todas as suas ideias e atividades interpretadas pelos seus vários agentes, como dirigentes, professores, alunos, encarregados de educação, funcionários e técnicos, bem como pelas pessoas associadas às interações que a instituição estabelece com variadas entidades públicas e privadas, nacionais ou estrangeiras. Não se trata de uma revista ou jornal escolar feito pelos alunos e para eles, como é mais habitual ocorrer quando se lança o olhar para a imprensa estudantil. “O Pátio” fala dos alunos através do relato de atividades no qual são mencionados, mas não adopta os seus pontos de vista, estes sim, os ingredientes verdadeiramente necessários para tipificar e caracterizar, de forma indelével, uma publicação dos alunos e por eles autonomamente feita. “O Pátio” prevê, porém, a participação dos alunos, quer através de editoria própria quer aco-





lhendo as suas genuínas iniciativas editoriais. Um eventual futuro jornal escolar dos alunos na EPM-CELP nunca colidirá, por conseguinte, com a rota de “O Pátio”.

PÁGINA OFICIAL NA INTERNET

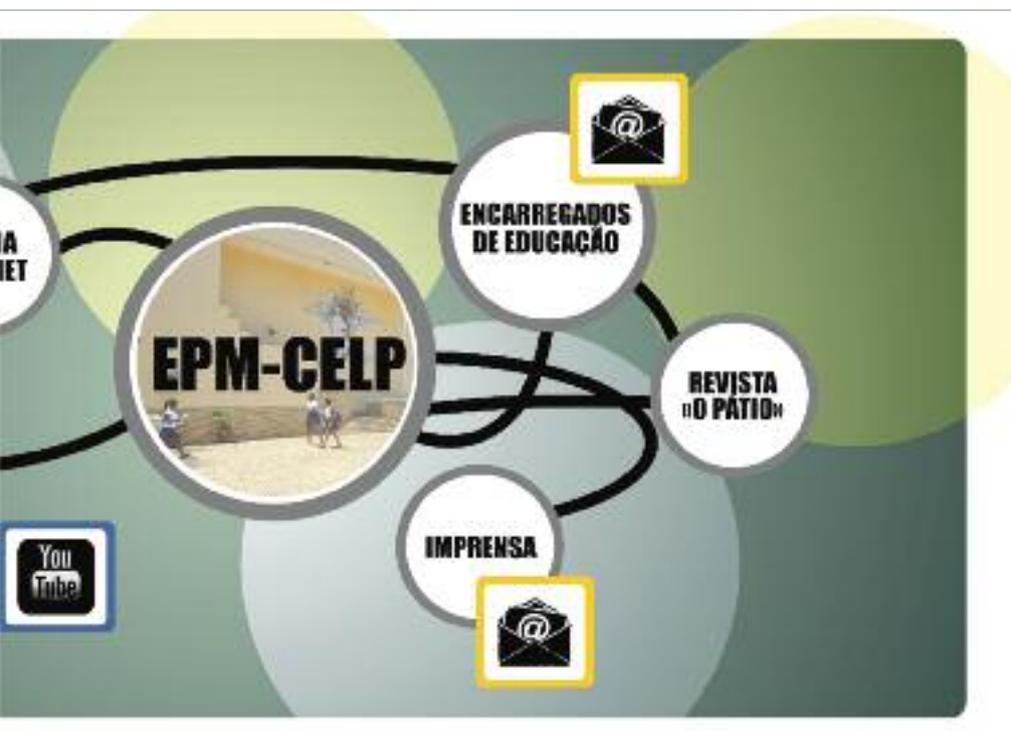
A presença oficial da EPM-CELP na internet é algo tão natural quanto necessário

ção oferecidas pela internet, a sua eficácia e eficiência, depende muito mais da percepção e correspondente ação da escola do que dos limites da própria plataforma tecnológica. A internet acolhe todas as nossas ambições neste capítulo. Os limites situam-se do lado da produção de conteúdos e não na plataforma tecnológica.

A complementaridade e cumplicidade entre a página oficial na internet e a publi-

ciais realizadas pela EPM-CELP, sobressai, naturalmente, o Facebook que, em primeira instância, desempenha o papel técnico de amplificador das mensagens publicadas na página oficial na internet. Esta amplificação é realizada automaticamente (o conteúdo é originalmente publicado na página) e tem o mérito de captar leitores para a página oficial na internet, pois é aqui que residem os detalhes da notícia já que o Facebook apenas publica a hiperligação. É, de facto, um grande papel desempenhado pelo Facebook, a rede social mais ampla e mundialmente conhecida.

A experiência da EPM-CELP com o Facebook tem sido particularmente gratificante não só pelo efeito de amplificação atrás referido, mas também por ser ferramenta forjadora da definição e reforço da nossa comunidade cultural espalhada por muitas partes do Mundo, o que revela a vocação universalista da nossa missão educativa, que afecta muitos e todos sem diferenciação de qualquer espécie. Em abril de 2016 já eramos quase 12 mil amigos, provavelmente compatível com os 16 anos da nossa existência em Moçambique e os muitos milhares de indivíduos que já estudaram na nossa Escola. Mais do que a quantidade o que nos entusiasma é a percepção da ocorrência de um fenómeno natural de permanência na comunidade de quem, efetivamente, se identifica com a nossa missão histórica. Esta afetividade também é transmitida expressamente por palavras redigidas das mais explícitas às mais subtis, deixadas à nossa porta do Facebook. Saudade é a palavra dominante e mais recorrente.



nos nossos dias. A internet é um meio irresistível, incontornável e de acesso quase universal para qualquer estabelecimento de ensino. Face às vantagens que oferece no domínio da comunicação, fazendo chegar a mensagem tão depressa ela é produzida, o seu não aproveitamento poderá, até, configurar uma atitude negligente e pouco cuidadosa relativamente às obrigações de informar que mantém com os membros da comunidade educativa. Mais ou menos sofisticada ou atraente, uma página institucional na internet é objetivo tão tangível quanto o cidadão comum possui um telemóvel.

A página na internet permite à instituição comunicar de forma tão extensiva e intensiva quanto deseje ou seja necessário de acordo com a sua capacidade técnica de produção. É, para além da informação organizada incluída no seu desenho editorial, o “pronto socorro” da instituição para comunicar, quase espontaneamente, o que for necessário e a qualquer hora. É absolutamente imprescindível e é o garante primeiro do não isolamento comunicacional da instituição em relação à população que serve. O máximo aproveitamento das possibilidades de comunica-

ção impressa “O Pátio” é algo que surge de forma natural aos olhos dos comunicadores e dos leitores de ambos os suportes informativos: o que uma plataforma anuncia e notícia, a outra aprofunda e vinca, ou vice-versa. A sinergia é muito plástica e flexível, de desejável aproveitamento útil, tendo como mira servir os interesses da instituição.

AS REDES SOCIAIS E O FACEBOOK

A possibilidade de, atualmente, qualquer indivíduo ou entidade utilizar as múltiplas plataformas de construção de redes sociais na internet amplia as possibilidades de difusão e partilha massificada de mensagens.

Nesta plataforma virtual multiplicam-se os canais especializados de comunicação especializados para cada tipologia de informação ou conteúdo. Mais uma vez a dificuldade está na seleção do canal e sua configuração ajustada à medida do subscritor. A EPM-CELP utiliza, neste momento, quatro plataformas de relacionamento social que servem diferentes propósitos. São elas o Facebook, o Twitter, o YouTube e o LinkedIn.

De entre as subscrições em redes so-

CANAL EXCLUSIVO DE COMUNICAÇÃO COM OS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO
A comunicação escola-famílias faz-se, preponderantemente, através das relações que os diretores de turma estabelecem com aqueles por contacto pessoal ou por via de e-mails. A par deste canal, marcadamente humanizado, a EPM-CELP dispõe ainda de sítio de acesso reservado aos encarregados de educação para colherem as informações de interesse para a vida escolar dos seus educandos. É o Portal dos Encarregados de Educação existente na nossa página oficial na internet. Quem subscreve este serviço recebe ainda, via e-mail e de forma regular, informações úteis para a gestão da vida diária dos alunos.

AS RELAÇÕES COM A IMPRENSA
As relações com a imprensa local e remota são tecnicamente asseguradas por uma plataforma eletrónica de envio de notas à comunicação social sempre que um evento organizado pela EPM-CELP seja de interesse que ultrapasse os muros da nossa Escola, captando a atenção da população residente, especialmente em Maputo.



Voluntariado reforça cidadania

O princípio da reciprocidade inspira, transversalmente, oito projetos de intervenção social desenvolvidos por alunos do ensino secundário da EPM-CELP junto de escolas públicas moçambicanas. Dar e receber é a palavra de ordem que marca o programa “Educação para o Voluntariado”.

Os alunos do ensino secundário da EPM-CELP têm vindo a desenvolver projetos de intervenção social e de solidariedade junto das escolas do sistema de ensino moçambicano. Nestas dinamizam atividades baseadas na interação direta com os alunos locais, num espírito marcado pelo intercâmbio de valores e na oferta generosa de alguns materiais escolares, que contribuem para a melhoria das aprendizagens naqueles estabelecimentos de ensino.

A pintura de paredes, a angariação de materiais para a constituição de uma biblioteca e a criação e intercâmbio de materiais pedagógicos são algumas das iniciativas que envolvem oito turmas da nossa escola, equitativamente distribuídas entre os 11.º e 12.º anos do ensino secundário.

A conceção e desenvolvimento dos projetos, integrados na disciplina de Educação para a Cidadania, surgiram como resultado de uma parceria pedagógica estabelecida entre a



Programa “Educação para o Voluntariado” está direcionado para o ensino secundário

Com a duração de três anos letivos, que decorrem do 10.º ao 12.º anos do ensino secundário, o programa “Educação para o Voluntariado” na EPM-CELP privilegia a promoção de valores como a interculturalidade, igualdade de género e desenvolvimento dos Direitos Humanos, seguindo as linhas orientadoras propostas pelo Ministério da Educação de Portugal para a disciplina de Educação para a Cidadania.

O objetivo principal do programa, concebido em parceria com a HELPO, é sen-



EPM-CELP e a HELPO, uma organização não governamental cujo objetivo é promover atitudes e valores cívicos em contexto escolar.

Como relatou Ana Besteiro, professora-coordenadora do projeto na EPM-CELP, a principal estratégia de ação baseia-se no princípio da reciprocidade que não permite apenas dar, mas também receber, através de uma troca de experiências entre os nossos alunos e os das outras escolas com as quais temos vindo a interagir. ■

Angariação e mobilização de recursos ao serviço da promoção da escrita e leitura

A Escola Primária Completa do Triunfo foi a destinatária do projeto de intervenção dos alunos da turma A2 do 11.º ano da EPM-CELP. Para começar, efetuaram uma visita àquele estabelecimento de ensino para levantamento das necessidades materiais, o qual orientou a definição das ações que culminaram com o aproveitamento de uma sala para a criação e apetrechamento de uma biblioteca escolar.

O objetivo foi concretizado através da mobilização de doações da comunidade escolar da EPM-CELP, para além da realização de uma feira gastronómica cujo valor monetário foi investido na angariação de materiais didáticos como jogos, livros e enciclopédias, entre outros recursos.

Paralelamente, os alunos da turma A1 do mesmo ano de escolaridade dinamizaram atividades pedagógicas dirigidas aos colegas daquela mesma escola. Para tal, dedicaram três semanas à preparação de materiais didáticos utilizados posteriormente nas várias atividades de aprendizagem do Português, Matemática, Educação Física e Educação para a Cidadania que dinamizaram na escola do Triunfo. Ensinar com recurso às letras e desenhos em cartolina e exercitar a formação de palavras foram aprendizagens significativas da escrita e leitura. Por outro lado, o material numérico possibilitou o treino da tabuada e da leitura das horas aos mais pequeninos.

Nas aulas de Educação para a Cidadania, os alunos da EPM-CELP produziram cartazes e procederam à pintura de caixotes de lixo para apoio de um conjunto de

ações de sensibilização para a higiene e saúde, que vieram a concretizar no terreno. Como reportou Natália Monteiro, uma das “voluntárias”, “a experiência teve um impacto muito positivo, propiciando-nos a oportunidade de ver como acontecem as coisas no mundo exterior ao nosso. Independentemente de serem meninos carenciados, são felizes! Somos todos iguais, independentemente de tudo”. Por sua vez a aluna Carolina Quaresma realçou o enriquecimento individual colhido nesta experiência, afirmando que a “vida deles é diferente da nossa, sem impedir que nos mostrem a sua felicidade, carinho e recetividade”.

Natália Monteiro e Carolina Quaresma não hesitaram em afirmar que a experiência acentuou na turma “a interligação e a união entre os colegas, incluindo a solução de alguns problemas relacionados com as diferenças individuais que existem entre nós, reforçando a nossa vontade de pintar e decorar a biblioteca escolar”. Lembraram, também, o quanto positivo foi também terem trabalhado com os professores da escola moçambicana, informando-os sobre o modo de utilizar os materiais didáticos produzidos pelo 11.º A1.

A turma C do 11.º ano, por seu turno, ofereceu dois computadores à biblioteca da Escola Primária Comunitária da Polana Caniço B, que também beneficiou de materiais de apoio à leitura, construídos pelos nossos alunos, e de uma ação de formação para utilização dos equipamentos doados.

sibilizar os alunos para o desenvolvimento de ações de voluntariado, relacionadas com a educação informal e lúdico-didática, junto das escolas e instituições parceiras da EPM-CELP, na tentativa de contribuir para a formação de jovens mais tolerantes, atentos e promotores de mudança.

A evolução do programa, com início no 10.º ano, cumpre diferentes fases, ao longo das quais o aluno vai adquirindo competências e sensibilidades visando a sua preparação para uma cidadania tolerante e promotora do desenvolvimento.



“Mãe desnecessária”

Todos nós, quando crianças, criamos uma mãe ideal. Esta mãe, imaginária, é criada de acordo com as necessidades e as expectativas da criança, no seu imaginário infantil sustentado pelos contos de fadas que ouvem contar. Essa mãe é necessária num período da sua infância para, juntos, irem caminhando na vida. Esta mãe ama incondicionalmente a criança e existe só para ela, amparando todas as suas quedas.

Tal como nos contos de fadas, em que um dia estas mães ideais morrem ou desaparecem, também na vida real é preciso “matá-la” para a criança crescer. As mães tornam-se nas madras-tas que os contos nos trazem, essas são as mães reais, que, afinal, falham, são egoístas, têm defeitos.

Há um momento na vida da criança, especialmente na adolescência, em que os filhos precisam de olhar para os pais reais, criticá-los, julgá-los e, por fim, aceitá-los. Só assim eles próprios se vão formando e tornando-se seres únicos e independentes. A cada fase da vida vamos cortando este cordão umbilical para nos tornarmos pessoas, homens, mulheres. Cada perda e cada ganho fazem crescer. Cada frustração mostra quem somos e do que somos capazes.

Muitas vezes confundimos amor com apego, queremos parar o tempo e manter os filhos próximos de nós porque nos esquecemos de quem somos sem eles. Evitamos o fluxo natural da vida e criamos situações para que os filhos sintam que não conseguem fazer tudo sem nós.

Amar é libertar, é deixar ir, os filhos não são nossas poses e não devemos tê-los como tal, senão corremos o risco de projetar neles a nossa solidão, o nosso medo das perdas, um não acreditar neles que é sentido sem ser falado.

Só quando as crianças vão vendo os pais reais é que podem aceitar que estes são humanos, que falham e acertam, que vencem e que perdem e, com eles, aprendem a perceber que não faz mal, porque isto é a vida. Os pais estão lá para nós, sempre, para nos abraçar quando precisamos, para nos aconchegar, para nos confortar, mas permitem-nos sentir e viver todas essas necessidades.

A boa mãe é aquela que se vai tornando “desnecessária” com o passar do tempo (Márcia Neder). Tal como a natureza nos mostra, temos que saber quando deixar os passarinhos voar do ninho, buscar as suas forças, conhecer os seus limites. Na verdade,



cada perda e cada ganho, em cada fase, é uma nova perda e um novo ganho para a mãe e para o filho. Só assim os filhos crescem e um dia tornam-se adultos, para constituir a sua própria família, os seus próprios filhos, dando, assim, início a um novo ciclo de vida, que nasce para um dia também este “morrer”.

Quando não é permitido à criança fazer isto, ela cresce envolvida na fantasia de que a sua mãe não corresponde às suas expectativas e ao seu processo natural de crescimento.

JANAÍNA MELO
Psicóloga do SPO da EPM-CELP

MOMENTOS EPM-CELP



“Bichos” assaltaram Laboratório de Biologia

No decorrer da semana de 11 a 15 de abril, alunos do quinto ano de escolaridade da EPM-CELP dedicaram-se à análise de diferentes tipos animais, evento integrado no programa de atividades marcado para o Laboratório de Ciências, relacionado com o conteúdo temático “Diversidade dos Seres Vivos”, da disciplina de Ciências Naturais. Animais vertebrados e invertebrados foram submetidos a estudo e apreciadas as suas características, após o que foram classificados quanto à forma, revestimento, locomoção, alimentação e reprodução.

Tocar a pele de um caracol, de uma rã ou de uma tartaruga foram algumas das experiências entusiasmantes para os alunos que, igualmente, tiveram a oportunidade de sentir a dureza da quitina da “maria-café”, o exosqueleto do ouriço-do-mar e da estrela-do-mar, bem como contar as patas e barbas do camarão e do caranguejo. Por outro lado, os petizes divertiram-se ao testar a capacidade de salto da rã, que teimava em sair do aquário, para além de observar a paciência com que a “maria-café” tentava escapar-se da caixa.



A observação direta daqueles animais, que andaram à solta no laboratório, criou condições para os alunos consolidarem os seus conhecimentos sobre o mundo animal através de uma vivência inesquecível de aprendizagem lúdica.

Homenagens a florestas e água acautelam preservação do futuro

Como forma de assinalar o Dia Mundial das Florestas e o Dia Mundial da Água, respetivamente celebrados a 21 e 22 de março último, os alunos do quinto ano da EPM-CELP realizaram trabalhos



tridimensionais que ficaram expostos no átrio principal da escola durante a última semana do segundo período escolar.

Evocando temáticas da disciplina de Ciências Naturais, relacionadas com as florestas e a água, os trabalhos serviram para interpelar a comunidade escolar sobre a importância de preservar aqueles recursos naturais, cada vez mais escassos no nosso planeta.

Expostos à observação da comunidade escolar, os trabalhos foram resultado da articulação pedagógica entre os professores das disciplinas de Ciências Naturais, Educação Visual e Educação Musical, im-

plcando a construção de maquetas em três dimensões e a realização de encenações musicais subordinadas à mesma temática.

Promover o enriquecimento interdisciplinar dos

conhecimentos, bem como uma visão integrada dos programas pelos alunos são alguns dos objetivos que inspiraram a realização dos trabalhos, cuja qualidade justificou a iniciativa da exposição pelos professores promotores da atividade.

A consciencialização dos alunos sobre a importância da água e dos recursos florestais ficou assente na suas próprias expressões, segundo as quais a água é um bem vital e a poluição precisa de ser reduzida. Por outro lado, os alunos também consideraram que as florestas são o pulmão do planeta, cujo oxigénio está condicionado à crescente desflorestação.

Museu de História Natural revelou segredos de África

Nos dias 19 e 20 de abril, alunos do quinto ano de escolaridade da EPM-CELP visitaram o Museu de História Natural de Maputo com o objetivo de aprofundar os conhecimentos nas áreas das Ciências Naturais e de História e Geografia.

Em aproveitamento do património nacional de Moçambique, os alunos exploraram o contexto biológico e histórico da região onde a nossa Escola se insere, o que constituiu uma forma de conhecer a fauna e flora africanas, bem como os costumes, língua e tradições dos povos.

Orientados por questões-tipo propostas pelos respetivos professores, os alunos descobriram a história de criação do Museu e as descrições artísticas das esculturas e pinturas do jardim que rodeia o edifício. No interior deste os alunos identificaram objetos musicais, de caça e de luta, bem como a representação dos animais, como é exemplo a coleção, única no Mundo, das fases de gestação do elefante.

O Museu de História Natural, em Maputo, é de visita obrigatória.

Conferência

Livestreaming sobre a Biodiversidade

Os alunos do quinto ano e da turma A1 do 11.º ano de escolaridade da EPM-CELP participaram numa videoconferência subordinada ao tema “Clima em Direto”, com o objetivo de refletir sobre temáticas relacionadas com a biodiversidade e as alterações climáticas.

O evento, realizado a 6 de abril, no Laboratório de Matemática da nossa Escola, permitiu a interação direta dos nossos alunos com os especialistas oradores Ana Faria, do Centro de Investigação MARE, e Pedro Pinho, investigador do Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

A conferência, participada por várias escolas, deu a conhecer os trabalhos de investigação académica sobre o efeito das alterações climáticas nos pinheiros, borboletas e acidificação dos oceanos, assim como sobre toda a cadeia alimentar que os oceanos sustentam.

O contacto direto dos alunos da EPM-CELP com os centros de investigação revela-se essencial para a aprendizagem.



“Física do dia-a-dia” abriu portas à comunidade escolar de Maputo

A exposição “Física do dia-a-dia” da EPM-CELP abriu, em março último, as portas à comunidade escolar de Maputo, acolhendo vários estabelecimentos do sistema de ensino moçambicano, bem como de escolas internacionais. A exposição é um espaço que proporciona experiências científicas baseadas na utilização de objetos do quotidiano para explicar princípios básicos da física clássica, despertando a curiosidade e espírito crítico face ao mundo envolvente.

A disponibilização do certame integra-se no projeto “Mãos na Ciência”, o qual, para além de dinamizar uma série de atividades internas, oferece também à comunidade escolar de Maputo a possibilidade de os estudantes contactarem com objetos e artefactos que ajudam a compreender a ciência em geral e a física em particular. Neste âmbito, alunos de quatro escolas moçambicanas, parceiras do projeto “Mabuko Ya Hina”, igualmente liderado pela EPM-CELP, visitaram a exposição “Física do dia-a-dia”, acompanhados pelos respetivos professores. Uma oportunidade também aproveitada pelas escolas internacionais, como a americana, francesa e escandinava, para além da Academia Aga Khan de Maputo.

Recebidos e orientados pela professora de Físico-Química da nossa Escola,

Sónia Pereira, os visitantes receberam a primeira explicação geral dos procedimentos a observar nas experiências das diferentes áreas da exposição. Ao longo de todas as etapas, os alunos participaram ativamente nas atividades propostas, mettendo “as mãos na massa”, ou seja, manipulando, individualmente, os objetos disponíveis. A experimentação permite aos alunos a descoberta do conhecimento e, assim, a formulação de juízos próprios, através de percursos individualizados de aprendizagem.

No universo das 32 experiências disponíveis no espaço da exposição, merece destaque, por exemplo, a que explica o princípio das centrais elétricas, ou seja, como o movimento é transformando em eletricidade, tal como acontece, por exemplo, na Hidroelétrica de Cahora Bassa. Notável também é a ilustração do princípio da impulsão que revela os segredos de flutuação de barcos e, por fim, a experiência ótica de uma moeda que se torna visível ou invisível de acordo com a presença da água.

O objetivo da exposição é, essencialmente, partilhar com o resto da comunidade escolar os recursos existentes na nossa Escola, proporcionando oportunidades de aprendizagem e compreensão dos fenómenos e conceitos físicos.

Coro das Amizades encantou EPM

O Coro das Amizades, formado por alunos da turma C do terceiro ano do ensino básico da EPM-CELP, subiu ao palco do Auditório Carlos Paredes na tarde do passado dia 17 de março para cantar e encantar pais, familiares, amigos e toda a comunidade escolar. A iniciativa e coordenação foram da professora Zubaida Ismael, que conta com a colaboração de Leandra Reis, docente da disciplina de Educação Musical. O projeto vai ser desenvolvido no corrente ano letivo e no de 2016/2017.

Os intérpretes do Coro das Amizades vestiram a rigor – as meninas com camisa rosa e branca e todos os meninos de lacinho ao pescoço -, e estiveram sempre de vozes afinadas na música de abertura, “Alecrim”, e nos restantes temas do alinhamento do espetáculo.



Na segunda parte surpreendeu a dança energeticamente interpretada pelos alunos perante o vídeo orientador que integrava o cenário. As letras das músicas do Coro das Amizades foram escolhidas em função do interesse manifestado pelos próprios alunos na abordagem de temas como a ética, a cidadania e a pluralidade cultural.

A ideia de criar um grupo coral surgiu da necessidade de explorar as potencialidades musicais e vocais dos alunos, bem como desenvolver aspetos como a concentração, a capacidade de socialização, a auto-estima e a confiança, valorizando o trabalho em equipa e fomentando o convívio social entre as crianças. Sendo a música um importante veículo para a estimulação do cérebro e facilitador de aprendizagens, o coro contribui também para melhorar o desempenho escolar dos alunos e visa ajudar o crescimento saudável e formar uma ajustada perceção do futuro e do Mundo.



Elos fortaleceram Semana da Leitura

O tema “ELOS de Leitura”, definido pelo Plano Nacional de Leitura de Portugal, foi o mote que inspirou o conjunto de atividades que assinalou a 10.ª edição da Semana da Leitura da EPM-CELP, celebrada entre 14 e 18 de março. Para isso, a Biblioteca Escolar José Craveirinha dinamizou diversos eventos associados à leitura e dirigidos a toda a comunidade escolar, numa proposta multidisciplinar que envolveu vários departamentos curriculares da nossa Escola.

Entre os eventos agendados assumiu particular curiosidade o exercício de leitura “EPM a Ler+”, realizado no dia 17, o qual desafiou todas as pessoas, que se encontravam no recinto escolar, a lerem durante meia hora, largando as atividades que, naquele momento, estavam a fazer.

A Semana da Leitura abriu com uma palestra alusiva ao tema do evento, seguindo-se um leque de iniciativas que enriqueceram o programa, garantindo uma oferta diária de exercícios literários entusiasticamente participados por alunos de vários níveis de escolaridade. O concurso de provérbios e adivinhas, a dramatização da obra “Capitão Golfo” e os concursos de leitura expressiva e de soletração despertaram a curiosidade dos alunos e do público, que foram desafiados, em ambiente competitivo saudável, a par-

tilharem conhecimentos. Ademais, o lançamento da terceira edição do livro digital “Na Ponta da Língua”, reunindo textos espontaneamente escritos pelos alunos da EPM-CELP, ilustra a criatividade literária dos nossos alunos. Animada foi também a apresentação cênica de danças e ritmos africanos como resultado da oficina de formação sobre o mesmo tema realizada na nossa Escola pelo projeto “Mabuko Ya Hina”. No último dia, a dramatização do conto “Leona, Filha do Silêncio” pelos alunos da Escola Polana Caniço “A” cumpriu a habitual prática de juntar alunos da EPM-CELP e do sistema de ensino moçambicano para uma troca de experiências e convívio académico e intercultural, desta vez animada pelos ritmos da música e dança africanas.

O programa de atividades visou incentivar os alunos a ler mais e a proporcionar períodos de reflexão sobre as questões da atualidade, como a globalização e a necessidade de estabelecer pontes e elos de ligação entre comunidades e os diversos povos no mundo. No seu conjunto, as atividades serviram para demonstrar e perceber as diferenças existentes entre as culturas e a pluralidade de perspetivas e realidades a partir das quais emergem e convergem valores essenciais, como os direitos humanos, para desenhar caminhos conducentes a uma sociedade mais inclusiva.

EPM-CELP apurou representantes para o “SuperTmatik” internacional

A EPM-CELP apurou os seus 10 representantes para o Campeonato Internacional de Cálculo Mental, a realizar entre 18 de abril e 6 de maio no ambiente virtual “online”, no âmbito da iniciativa *SuperTmatik* e na sequência da competição interna que teve lugar no início de abril.

A iniciativa partiu do grupo disciplinar de Matemática que subscreveu o projeto lançado pela EUDACTICA Editores, destinado aos alunos do ensino básico. Partici-

param na última fase do apuramento interno da EPM-CELP 42 alunos em representação de 21 turmas dos segundo e terceiro ciclos do ensino básico, os quais participaram previamente nas qualificações intraturmas. A competição, que durou 90 minutos, aliou a aprendizagem lúdica e didática à concentração, adrenalina e emoção.

Os alunos que vão representar a EPM-CELP na final “online” do 10.º Campeonato

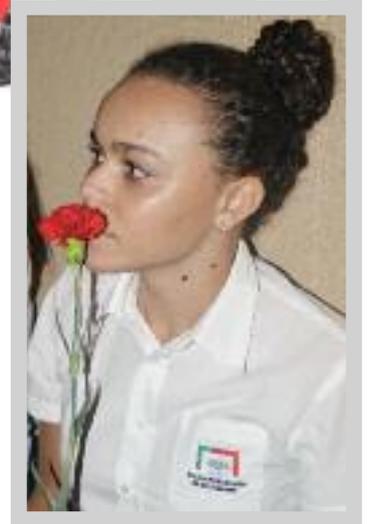
Internacional de Cálculo Mental são os seguintes (campeão e vicecampeão pela ordem indicada): quinto ano - Tailah da Cruz e Muhammad Vahid; sexto - Ana Peral e Camillee Varinde; sétimo - Tomás Lopes e Alexandre Brandão; oitavo - André Brites e Beatriz Cachadinha; nono - Hugo Dias e Tomás Pinto.

Os resultados dos campeonatos internacionais serão divulgados em www.eudactica.com no dia 12 de maio de 2016.



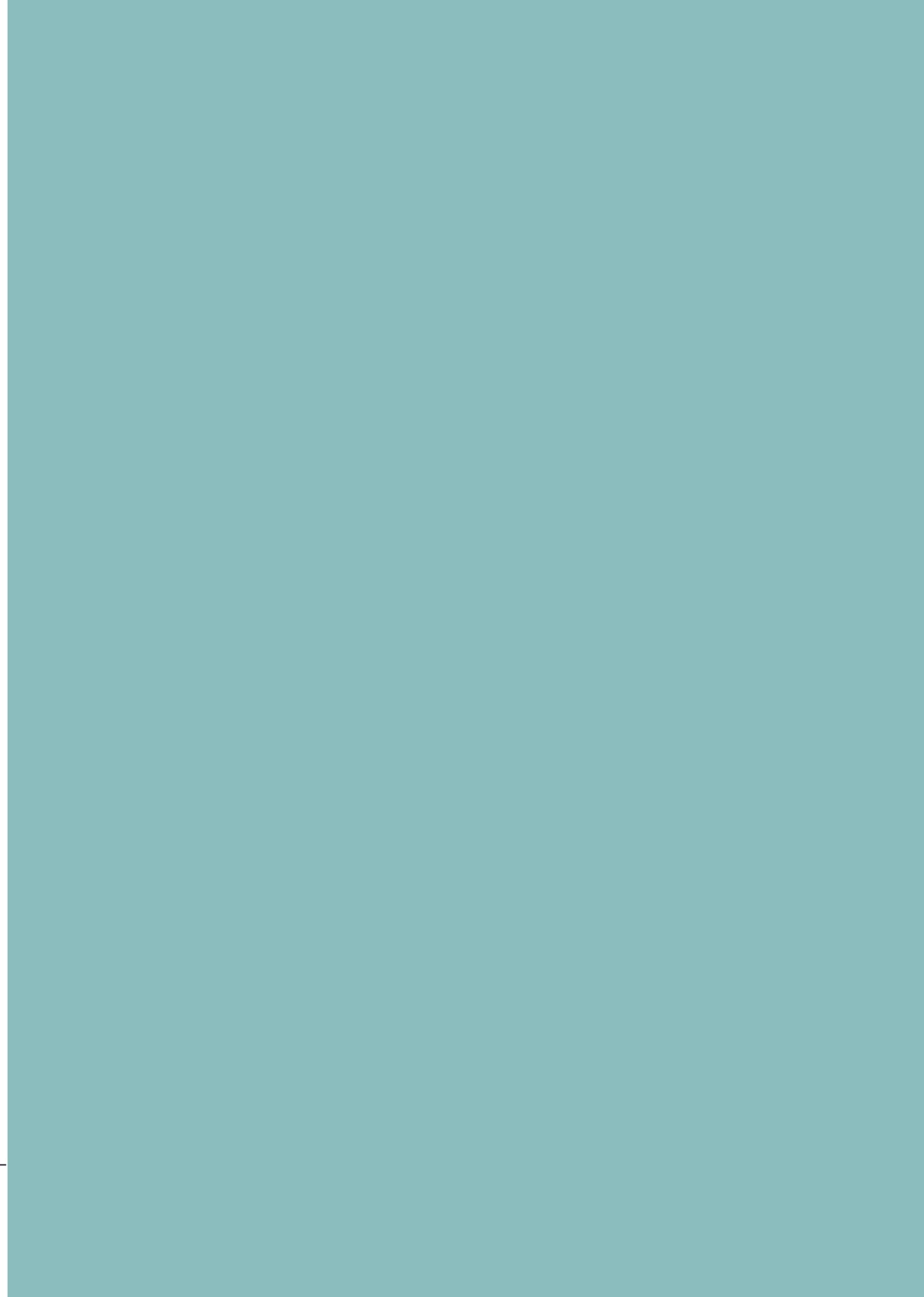
de Abril

Celebrar para não esquecer
1974 - 2016



Homenagem a
Adília Teixeira







LIGUE 21 245 900

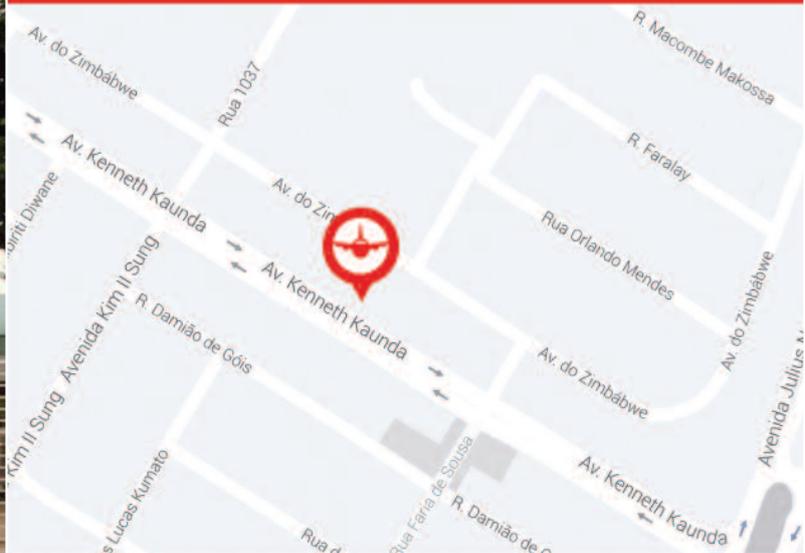
WWW.COTUR.CO.MZ

FACEBOOK.COM/COTURTRAVEL

Cotur Corporate

Nova Imagem. Nova Morada.

Visite-nos. Venha conhecer o mundo dos seus sonhos.



COTUR

SEDE Av Kenneth Kaunda 352 - Maputo TEL 21245900
CEL 823008950 FAX 21245901 EMAIL cotur@cotur.co.mz

